

# Vozes contra-hegemônicas da multidão

*Claudimiro Lino de Araújo*

O livro *Falas da história: comunicação alternativa e identidade cultural* é o primeiro volume da coleção “Rupturas metodológicas para uma leitura crítica da mídia”, proposta pelos Programas de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás (UFG) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), por meio do programa de parceria em pesquisa Procad/Casadinho (CNPq). São cinco partes: cultura, tradição e identidade; experiências comunitárias; cultura e dialogismo; a música popular como uma fala histórica marginal e jornalismo, cultura e sociabilidade.

Abrindo a primeira parte, Muniz Sodré discute a relação entre as palavras cultura e comunicação, esclarecendo que ambas seriam ambíguas e fortes a ponto de despertarem a cobiça do capital, e nessa órbita a cultura seria estruturada pela comunicação. No contraponto entre técnica e cultura, o autor conclui que é melhor integrar a primeira ao invés de simplesmente demonizá-la. Uma maneira seria através de uma educação que proporcionasse autonomia aos sujeitos.

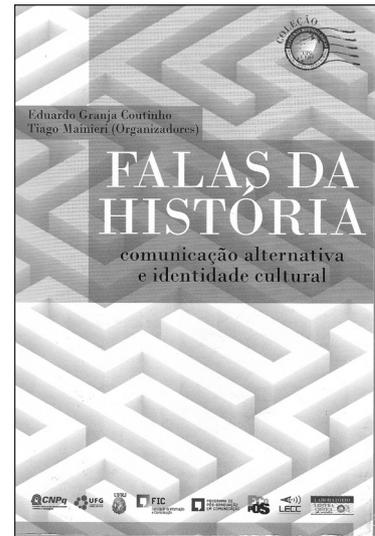
Por outro lado, Eduardo Granja Coutinho, partindo de uma distinção entre duas maneiras de se entender a cultura, uma viva (estabelecida entre sujeito e objeto, povo e patrimônio) e outra fossilizada (algo eterno e imutável), vai defender a ideia de tradições hegemônicas e contra-hegemônicas, entendendo que Gramsci propõe uma “superação dialética” da cultura popular como forma de conhecimento.

Na sequência, Tiago Mainieri expõe a procura de uma outra comunicação, alternativa, situada no espaço das interações tanto midiáticas quanto em outros processos comunicacionais, propõe como primeiro passo a retirada do monopólio da informação da

## **Falas da história: comunicação alternativa e identidade cultural**

*Coutinho, Eduardo  
Granja; Mainieri,  
Tiago (Orgs.).*

*Goiânia: FIC/UFG,  
2013, 292 p.*



mídia tradicional, buscando-se ampliar as possibilidades de fala dos sujeitos.

Na segunda parte da obra, os autores discutem a dimensão comunitária da comunicação. Eduardo Yamamoto se refere a uma “redescoberta da comunidade” e ao uso da palavra como legitimadora de empreendimentos modernos. Segundo ele, algo semelhante estaria acontecendo no campo comunicacional, ao se dar uma “expropriação do comum”, uma homogeneização excludente em função de objetivos políticos.

Raquel Paiva, João Paulo Malerba e Marcello Gabbay revelam o imbricamento entre comunicação, comunidade e esporte, preocupando-se com o processo de midiática generalizada de todas as esferas da vida, inclusive o esporte. Isto indicaria uma perseguição ou diminuição sistemática do acaso, dissolvendo a característica que seria a razão de ser do esporte: o jogo. Os autores destacam que haveria um positivismo instaurado pela ciência do esporte, comprometendo a essência do esporte, ou seja, o acaso.

Fechando a segunda parte do livro, Mohammed Hajji aborda a situação atual das rádios comunitárias em relação às TIC's e a necessidade das mesmas de se reinventarem perante um contexto de inovação tecnológica e de fatores globais e transnacionais que estão redesenhando a nossa realidade simbólica e material.

“Cultura e dialogismo” é a temática da terceira parte. Tendo como referência teórica o pensamento de Mikail Bakhtin, Lilian Saback busca compreender o cinema como promotor de uma comunicação para a cidadania e investigar nos filmes produzidos pelos moradores das favelas do Rio de Janeiro uma exposição simplificada e previsível de seu próprio cotidiano. Como no realismo grotesco de Bakhtin, o filme *5 vezes favela, agora por nós mesmos* seria uma alternativa em que a comunidade se apresentaria sem rótulos e romperia com padrões pré-estabelecidos.

Também se utilizando de Bakhtin e de seu conceito sobre linguagem, Zilda Martins aborda a questão das “ações afirmativas” tentando compreender como o discurso simbólico interfere nas relações raciais brasileiras. Para isso analisa a linguagem numa perspectiva marxista de caráter ideológico, e apresenta a fala como conflito, uma arena de disputa verbal e simbólica que refletiria as tensões sociais, raciais, de classe e de manifestação da dominação ou de resistência.

A quarta parte do livro “falas da história” apresenta a música como expressão da consciência popular. Pablo Laignier descreve as rodas de funk cariocas, particularmente da APAfunk, e constata que este estilo ainda precisa pedir licença devido ao preconceito que se tem em relação às favelas e seus moradores.

Na sequência encontramos o ensaio de Marianna Araújo que finaliza a penúltima parte do livro e consegue captar, de forma original e sensível a figura de João Nogueira, que seria o “herdeiro da tradição do samba malandro”, nas décadas de 1960 e 1970. Este seria representante de um samba que

entraria em conflito com a ideologia dominante dos valores burgueses.

A última parte da coletânea de ensaios, “jornalismo, cultura e sociabilidade”, reúne textos que tratam das transformações e tensões do jornalismo no cenário midiático atual. Ana Carolina Temer analisa, de forma conceitual e teórica, questões fundamentais ao campo da comunicação, como a definição de seu objeto ou o impacto das novas tecnologias sobre este. O jornalismo seria a atividade mais emblemática da modernidade e teria a capacidade de provocar distorções na realidade e modificar a sociedade.

Gabriela Nóra, por seu turno, procura refletir sobre a necessidade de se repensar, em tempos de mídia digital e de convergência de meios, o modelo de jornalismo impresso diário e sua perenidade. A imprensa escrita estaria enfatizando de forma equivocada uma lógica baseada no presente, na informação instantânea. No entanto, precisaríamos ter cuidado também com o “deslumbramento” e o seu oposto, a “tecnofobia” em relação às novas tecnologias.

Simone Tuzzo, com seu artigo *O papel do jornal impresso em tempos de internet e redes sociais: o que pensam os leitores*, procura avaliar em que medida o factual ainda seria algo de valor para o jornalismo impresso, bem como outras percepções importantes em relação a esse meio, principalmente a partir dos leitores.

*Falas da história: comunicação alternativa e identidade cultural* se apresenta como uma louvável iniciativa de registrar os debates conceituais sobre cultura, identidades, comunidades, manifestações culturais e políticas de classe, comunicação comunitária e alternativa, num contexto em que os novos dispositivos tecnológicos de informação e comunicação assumem uma condição definidora da sociedade.

(resenha recebida jul.2015/aprovada nov.2015)

**Claudimiro Lino de Araújo** é mestrando em Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás (FIC/UFG).